GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias
Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth
(DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra
Magni (Universidade Federal de Pelotas) Debatedor/a, Marilia Floôr Kosby (Université de

LIEGE) - DEDATEGOT/A o Grupo de trabalho Antropo?ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Por uma Antropologia de Grafias Plurais: Octavia Butler e a reescrita do passado e do futuro Autoria: Ananda Andrade do Nascimento Santos

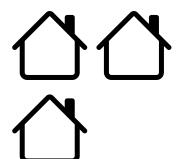
O interesse pelas hipóteses de fins do mundo, anunciados nas mais diversas cosmologias, vem sendo uma área explorada pela Antropologia desde os seus primeiros passos. No entanto, a temática dos medos e dos fins (Danowski e Viveiros de Castro, 2017) não é exclusividade das nossas construções antropológicas. Temos distopias narradas, repetidas e revisadas também a partir da ficção científica, através de linguagens como o Cinema e a Literatura. Nesse sentido, é marcante resgatar o livro ?Flame Wars?, de Mark Dery, que se questiona a razão de à época (1993) serem tão poucos os escritores de ficção científica negros. A capacidade de especular um futuro teria ficado apenas para as pessoas brancas? O que seria um futuro tecnocrático imaginado de uma perspectiva negra? A partir disso, Dery, um homem branco interessado na ?indústria cultural? estadunidense, crava o conceito de ?afrofuturismo?, que potentemente vem sendo questionado, ocupado e ressignificado por experiências negras. Se pensarmos as narrativas estadunidenses de invasões alienígenas, poderíamos facilmente, com algum esforço imaginativo, alinhar uma distopia branca e ocidental a vários fragmentos da diáspora africana, seja a partir da dominação violenta, idiomas impostos e outros elementos dos processos de colonização. Se as distopias centrais no imaginário de um país como os Estados Unidos foi a experiência vivida e marcada no corpo e na trajetória dos afro-americanos, o que resta a ser imaginado? Pensando junto da autora afro-americana Octavia Butler (seus livros, contos e artigos autobiográficos), que se confunde com algumas de suas personagens, busco pensar como a ficcão científica pode balizar e inspirar as construções de outras narrativas, grafias e Antropologias possíveis, buscando a própria literatura como uma espécie de Antropologia Especulativa junto a Saer (2009) e Nodari (2010). Junto a Fanon, acredito que o branco inventa o negro, mas a negritude é a antítese que responde a essa "maldição". Que futuros construímos daqui?

Trabalho completo

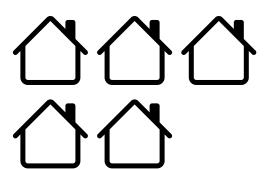


www.portal.abant.org.br/evento/rba/31RbA

Realização:



Apoio:



Organização:

